



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANA PAULA DE SOUZA FERNANDES

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA
SOCIOLINGUÍSTICA**

**CATOLÉ DO ROCHA
2017**

ANA PAULA DE SOUZA FERRENDES

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA
SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora: Eliene Alves Fernandes.

CATOLÉ DO ROCHA
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363v Fernandes, Ana Paula de Souza

A variação linguística no livro didático do 6º ano do ensino fundamental: uma análise sob a perspectiva sociolinguística [manuscrito] / ana Paula de Souza Fernandes. - 2017.
35 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação: Me.Eliene Alves Fernandes, Departamento de Letras e humanidades".

1.Variação linguística. 2.Livro didático. 3.Ensino de língua materna I. Título.

21. ed. CDD 418.0014

ANA PAULA DE SOUZA FERNANDES

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA
ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras e Humanidades –
CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profª. Ma. Eliene Alves
Fernandes.

APROVADO EM: 16 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Eliene Alves Fernandes

Profª. Ma. Eliene Alves Fernandes
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas

Profa. Ma. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Benedita Ferreira Arnaud

Profa. Ma. Benedita Ferreira Arnaud
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que sempre esteve ao meu lado me ajudando e renovando minhas forças, mesmo quando fraquejei na fé e pensei que não fosse capaz de superar os difíceis obstáculos ao longo do curso, a presença amiga e acolhedora do Espírito Santo renovava minhas energias para que eu continuasse a perseverar na caminhada até alcançar meu objetivo.

Agradeço a minha família, que fez o possível para me ajudar e encorajar nessa caminhada.

Agradeço, em especial, a minha amiga Patrícia Santos, que, com suas palavras encorajadoras e humildade, sempre me incentivou, apoiou e ajudou durante todo meu percurso acadêmico.

Agradeço ao meu esposo Diego, que sempre fez de tudo para que eu realizasse esse sonho, Sem ele não teria conseguido chegar até aqui. Sempre, nos momentos de angústias acadêmicas e desespero, me encorajou, acreditou e disse que eu era capaz de superar os obstáculos. Estou realizando algo que sonhamos juntos, um objetivo nosso.

À minha orientadora Eliene Alves que, ao longo do curso, me proporcionou grandes oportunidades de crescimento acadêmico, através de suas aulas e do projeto PIBID. Obrigada pela confiança, apoio e comprometimento com meu trabalho.

Para concluir, agradeço a todos meus amigos e colegas de curso, em especial, as amigas excepcionais que a graduação me deu, Beatriz, Vanuza, Gabriele e Erlany. Muito obrigada por tornarem minhas manhãs mais felizes, pelos puxões de orelha, risadas e troca de conhecimentos. Vocês estarão para sempre guardadas em meu coração. Como também, a todos os profissionais docentes que contribuíram a cada componente curricular para meu crescimento acadêmico e profissional. Muito obrigada a todos.

Reconhecer a heterogeneidade intrínseca de qualquer língua humana junto com os mitos, preconceitos, representações e juízos de valor que incidem sobre ela é um componente básico da educação linguística que visa formar cidadãos conscientes da realidade social, cultural e política em que vivem.

(Bagno)

RESUMO

Com vistas de como deve proceder o ensino variacionista da língua portuguesa na sala de aula, este estudo traz à luz uma investigação focada em dois livros didáticos de língua portuguesa – 6º ano: Singular e Plural, editora Moderna, e Tecendo Linguagens, editora IBEP, ambos indicados pelo Programa nacional do Livro Didático – PNLD, com o objetivo de verificar como esses livros trabalham o fenômeno da variação linguística. Para tanto, o trabalho fundamentou-se nos construtos teóricos de Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Coelho (2007), PCN's (BRASIL, 1998, 1997), Monteiro (2000), Bagno (2001, 2008, 2013), Soares (2002) e Faraco e Tereza (2005). Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental, descritiva de cunho qualitativo e a pesquisa aplicada. Para análise dos materiais didáticos, foram selecionadas do livro didático “Singular e Plural” nove atividades, enquanto que do livro “Tecendo linguagens” selecionou-se apenas uma atividade. Essas seleções foram realizadas tendo em vista referências à variação linguística nas atividades que, depois de analisadas, permitiram chegar à conclusão de que, em alguns livros didáticos, o estudo da variação linguística é suficiente para que haja uma boa compreensão e reflexão sobre o assunto, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da competência comunicativa do alunado; em outros não se apresenta de forma tão esclarecedora, o que demanda do professor uma explicação mais profunda e detalhada, para que ocorra um bom entendimento acerca do assunto.

Palavras-chave: Variação linguística. Livro didático. Ensino de língua materna.

ABSTRACT:

Considering how Portuguese language variation teaching should proceed in the classroom, this study brings to light an investigation focused on two Portuguese-language textbooks - 6th grade: Singular e Plural, Moderna, and Tecendo Linguagens, IBEP publisher, both indicated by the National Program of Didactic Book - PNLD, in order to verify how these books work the phenomenon of linguistic variation. For this, the work was based on the theoretical constructs of Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Coelho (2007), PCNs (BRASIL, 1998, 1997), Lemos (2000), Bagno (2002) and Faraco and Tereza (2005). We used bibliographical and documentary research, qualitative descriptive as well as the applied research. For the analysis of the didactic material, nine activities were selected from the textbook "Singular and Plural", while from the book "Tecendo idiomas" only one activity was selected. These selections were made with reference to the linguistic variation in the activities that, after analyzed, allowed to reach the conclusion that, in some textbooks, the study of the linguistic variation is enough so that there is a good understanding and reflection on the subject, thus, contributing to the development of the student's communicative competence; In others it is not presented in such an enlightening way, which demands from the teacher a deeper and more detailed explanation for a good understanding of the subject.

Key words: Language variation. Textbook. Mother language teaching.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONCEITOS TEÓRICOS	8
3 O LIVRO DIDÁTICO E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	13
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS	17
5.1 Livro didático Singular e Plural	17
5.1 Análise	27
5.2 Livro didático “Tecendo Linguagens”	28
5.2 Análise	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7 REFERÊNCIAS	34

1 APRESENTAÇÃO

Tendo em vista que a língua é um fenômeno variável, uma atividade social, algo identitário do falante, produto de interação comunicativa entre seus usuários, é necessário abrir a escola à diversidade dos discursos, ou seja, ensinar a língua portuguesa não só seguindo padrões linguísticos expostos nas gramáticas normativas, mas ensinar a língua nas suas mais variadas formas de uso. De acordo com Travaglia (2002), não é cabível a justificativa de trabalhar exclusivamente com a norma culta porque o aluno, quando chega à escola, já domina a linguagem informal. Segundo o autor, ao adentrar o universo escolar, o educando pode ser possuidor de plenas capacidades de expressão linguística, porém ainda tem muito que aprender sobre a língua e seu funcionamento variável. Desse modo, cabe ao professor adotar uma concepção de ensino na qual leve o aluno a refletir sobre os diferentes padrões de fala e escrita que possibilite ao aprendiz a aquisição de novas habilidades linguísticas. Travaglia enfatiza que é de suma importância que o docente, em suas aulas, trabalhe o tema variação linguística, uma vez que ainda existe muito preconceito e falta de informação sobre a língua portuguesa e suas variadas formas de falar. O professor deve saber e repassar para seus alunos que língua e variação são inseparáveis e que qualquer língua falada por qualquer grupo social sempre exibe variações.

Nesse sentido, justifica-se o interesse em analisar o tratamento dado ao fenômeno da variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa, especialmente no 6º ano do ensino fundamental. Partiu-se do pressuposto que os alunos devem ter conhecimento da natureza heterogênea da língua e da gama de recursos linguísticos à sua disposição. Desse modo, como o livro didático é uma ferramenta pedagógica facilitadora da aprendizagem, observar-se-á como o livro traz os conteúdos voltados para variação linguística. Compreende-se que o professor não é obrigado a fixar sua prática somente ao livro didático, entretanto o livro pode ser a porta para a ampliação de um ensino de língua voltado para a realidade dos falantes.

Para a análise deste trabalho, detém-se às atividades que trabalham o tema variação linguística. Com isso, pretende-se verificar se as abordagens feitas nos manuais didáticos, em análise, possuem consistência teórico-metodológica para um bom entendimento sobre o assunto. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico e documental, pelo fato de envolver um levantamento teórico sobre o tema e, em seguida, uma análise documental.

O presente trabalho está organizado e dividido da seguinte forma: capítulo *I. Ensino da língua materna e variação linguística: conceitos teóricos* que tratam dos pressupostos sociolinguísticos para um ensino de língua materna mais eficiente e linguisticamente democrático; *II. O livro didático como ferramenta auxiliadora no processo de ensino aprendizagem*. Aborda-se a importância do livro didático como norteador do professor no processo de ensino aprendizagem; em seguida, a análise referente às atividades com as variações linguísticas presentes nos livros didáticos selecionados. A parte analítica do trabalho consiste na avaliação de atividades presentes em dois livros didáticos de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental que foram selecionados, considerando ano de publicação e quantidade de material para compor a análise.

2 ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONCEITOS TEÓRICOS

Nas últimas décadas foi possível perceber o quanto a sociolinguística tem-se tornado uma área do conhecimento em ampla investigação, sobretudo no que compete ao desenvolvimento de pesquisas no campo educacional. Ao compreender que o Brasil é um país multilíngue, ou seja, possui uma diversidade linguística muito ampla, seja nos aspectos cultural, econômico ou social, os estudos sociolinguísticos vêm contribuindo de forma significativa para o ensino de língua materna, com propostas educacionais que visam melhorar o desempenho e competência linguística do alunado.

De acordo com Coelho (2007), é de grande relevância para o crescimento intelectual se reconhecer a heterogeneidade linguística existente no Brasil e assim, desmitificar a ideia de língua única. Nesse contexto, é importante ratificar a importância de estudos que desemboquem em uma consciência crítica dos falantes letrados, ou seja, a escola pode investigar meios para incluir em seu currículo conteúdos e vivências que auxiliem o conhecimento das variedades linguísticas. Segundo os PCN's (1997, p.26)

O Brasil possui muitas variedades dialetais; recomenda-se que o preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar língua portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar a que se parece com a escrita e que a escrita é o espelho da fala e, sendo assim, seria preciso “concertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva “errado”. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.

Os PCN's trazem para o ensino de língua um perfil didático pedagógico inovador, voltado para interação, salienta-se que esse é um pensamento defendido por alguns profissionais que possuem uma concepção de educação libertadora e da valorização cultural dos educandos. É válido ressaltar que durante muitos anos, no Brasil, os professores de português privilegiaram o ensino prescritivo de língua, e deixaram de lado o ensino das variações linguísticas. Assim sendo, a principal função da escola era “enquadrar” o aprendente em um modelo idealizado de “língua correta”: a norma padrão prescrita nas

gramáticas normativas. Desse modo, a variedade linguística trazida pelo aluno, de seu meio social, era desvalorizada e estigmatizada pelo docente, que associava as aulas de português à gramática normativa, a qual tinha como finalidade corrigir a variedade que fugisse ao padrão “correto”, além de ensinar conteúdos descontextualizados e fora da realidade em que vivem os alunos, com exemplos vazios de sentido e utilidade prática evidente.

A associação entre gramática normativa e ensino de língua tem sido um obstáculo para um ensino de língua materna eficaz, que seja capaz de despertar interesse por parte dos alunos, pois os educandos evidenciam que não conseguem compreender como a mesma língua que fazem uso, nos seus domínios sociais, pode se apresentar de forma tão diferenciada, no domínio da escola, mais especificamente na sala de aula.

Coelho (2007), afirma que a sociolinguística, com seus estudos práticos sobre a diversidade constitutiva das línguas humanas, estabeleceu mudanças profundas na visão do que deve ser a prática dos profissionais de língua materna nos diversos níveis de escolaridade. Porém, atualmente, não há uma situação ideal. O problema está na extrema valorização da norma padrão pela escola, que a atribui valores que não possui: comunicar de maneira mais eficiente que as variantes não padrão; possuir atributos identitários, estéticos superiores.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 23) apresenta três ambientes onde uma criança começa a desenvolver seu processo de socialização: a família, os amigos e a escola. A terminologia, que vem da tradição sociológica, chama esses ambientes de domínios sociais, onde os indivíduos se expressam exercendo determinados papéis sociais. Dá-se o nome de papéis sociais ao conjunto de direitos e de obrigações estabelecidos por regras socioculturais. Os papéis sociais são construídos de acordo com o processo de interação humana, por exemplo, num diálogo entre pai e filho, logo se percebe o tipo de papel social que cada um exerce, já que identificam-se aspectos linguísticos que denunciam ambos os papéis. Bortone-Ricardo (2004) ressalta, ainda, que de todos os papéis sociais as diferenças mais acentuadas são as intergeracionais (geração mais velha/geração mais nova) e as de gênero (homem/mulher).

A autora afirma que o aluno ao sair do domínio do lar para o domínio da escola, passa de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita, que se caracterizam por formas diferentes de construir a informação. Desse modo, o educando que antes conhecia somente a linguagem utilizada em seu meio social e cultural, seja ele urbano ou rural, passa a ter contato com a cultura de letramento cultivada na escola. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.25)

Na sala de aula como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, [...] Em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada. Em um ou outro caso, porém, haverá variação de linguagem nos domínios sociais.

A variação é algo próprio de um sistema linguístico, porém o grau dessa variação será maior ou menor dependendo do contexto comunicativo. Observa-se uma linguagem mais coloquial no espaço do lar ou em conversas espontâneas com pessoas íntimas e um uso mais formal em ambientes de trabalho, palestras, aulas e outros gêneros que requerem do falante um discurso monitorado.

O mito de que existe uma variedade superior às demais é algo predominante na cultura brasileira, pois muitos não compreendem que a forma de falar de uma pessoa é algo identitário, ou seja, denuncia qual sua identidade social, como: origem geográfica, grau de escolaridade, condição social, sexo, idade, entre outros. No entanto, o que se percebe é uma maior valorização dos dialetos utilizados pelos grupos que possuem maior poder político e econômico em detrimento dos dialetos utilizados pelas classes desfavorecidas. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), os dialetos considerados bonitos e corretos só são vistos de tal forma porque são falados por pessoas que ostentam um alto poder aquisitivo, portanto não são superiores aos demais; o prestígio que possuem é simplesmente resultado de influências econômicas e políticas. De acordo com Hudson *apud* Monteiro (2000, p. 144)

A desigualdade linguística pode ser vista não apenas como uma causa (naturalmente, ao lado de muitos outros fatores) da desigualdade social, mas também como uma consequência, porque a língua é um dos mais importantes fatores mediante os quais a desigualdade se perpetua de geração a geração.

Partindo desse pressuposto, entende-se o porquê do prestígio associado ao português-padrão. O motivo de existir uma extrema valorização da linguagem padrão, em detrimento das outras variedades linguísticas, é meramente social, político e econômico, uma vez que os falantes detentores de maior poder, e por isso usufruem de maior prestígio, acabam transferindo esse prestígio para a variedade linguística que falam. Por esta razão, são vistas como mais "corretas" e apropriadas que as demais. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 14), "Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas desvalorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades".

Como se pode ver, a linguagem não é só uma forma de transmitir informações, mas também uma maneira de identificação social dos indivíduos que a utilizam. Bortoni-Ricardo (2005, P. 14) afirma que: “No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado.” A esse respeito, Soares (2002, p. 15) expõe que:

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim, o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são seus e que são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são ou ignorados como inexistentes, ou desprezados como “errados”, seu comportamento é avaliado em relação a um “modelo”, que é o comportamento das classes dominantes;

Assim sendo, a escola, muitas vezes, pautada no tradicionalismo e conservadorismo, taxa os comportamentos linguísticos dos alunos como sendo “errados e inapropriados”, não considera as diferenças culturais, regionais e sociais dos aprendentes. Os professores devem, portanto, ter consciência que não existe variação linguística somente nos grupos sociais menos privilegiados, mas também, nas pessoas mais escolarizadas e cultas, visto que a língua varia de acordo com a mudança e evolução social, e que erros de português são apenas diferenças entre variedades da língua. Bagno (2008, p. 214) afirma que a democratização do ensino de língua é de fundamental importância para a evolução social, cultural e de ascensão pessoal dos indivíduos, como também na construção de uma sociedade mais justa. Para o autor,

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação voltada para construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos diferentes de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural, da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a condenar ou denegrir os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, ou deficientes, ou menos inteligentes.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) diz que: “[...] é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola”. Dessa forma, os profissionais de língua

materna devem encontrar formas eficazes de conscientizar os aprendentes sobre essas diferenças.

É importante proporcionar aos falantes um conhecimento mais amplo sobre a diversidade constitutiva da população brasileira, e, assim, extinguir a visão preconceituosa em torno das pessoas que fazem uso de uma linguagem que foge ao padrão formal, além de ampliar o universo linguístico dos alunos, tornando-os proficientes no uso da linguagem nos vários contextos sociais. Segundo Stahlzilles *apud* Faraco e Tereza (2005, p. 73) conhecer a heterogeneidade presente na sociedade brasileira é importantíssimo

Para que os professores compreendam [...] o seu papel de formar cidadãos capazes de usar a língua com flexibilidade, de acordo com [...] exigências da vida e da sociedade, isso pode ser feito mediante a explicação da realidade na sala de aula.

Alguns contextos sociais exigem um maior grau de monitoramento no uso da linguagem. Assim sendo, o educando deve ser treinado para interagir de forma eficiente nos mais diversos contextos de comunicação, sejam orais ou escritos, pois em uma sociedade que vê a “diferença como sendo deficiência”, Bortoni-Ricardo (2004, p. 9), é de suma importância que o aluno saiba se colocar formalmente. Desse modo, o professor precisa buscar meios de o aluno compreender que há várias maneiras de dizer algo, e que dependendo do contexto comunicativo pode utilizar a linguagem informal, ou coloquial, como em conversas com amigos, familiares, no domínio do lar, porém em outros terá que fazer uso de uma linguagem mais formal, como em uma entrevista de emprego, por exemplo. O profissional que trabalha nessa perspectiva estará formando cidadãos críticos e participativos. Bortoni-Ricardo (2004, p. 9) ressalta que:

Cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno a maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência cada vez mais ampla e diversificada, sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade.

Ao perceber a variação linguística dentro e fora do espaço escolar o aluno vai compreender e respeitar a diversidade linguística entre ele, os colegas e a sociedade. Assim, o trabalho dos profissionais da educação é de grande relevância para a conscientização dos aprendentes, no tocante ao entendimento das diferentes formas de uso da linguagem.

3 O LIVRO DIDÁTICO E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

A necessidade de educar as crianças surgiu juntamente com as primeiras sociedades humanas organizadas. Assim sendo, cada cultura constrói uma forma própria de educar seus futuros adultos, seja na escola, ou entre familiares, as crianças e os jovens convivem com adultos que as educam de acordo com ideais e valores de sua sociedade. A cada época esses adultos criam, modificam e utilizam diferentes materiais didáticos dentre os quais, o livro aparece como sendo ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

São chamados livros didáticos as publicações voltadas aos professores e alunos; organizam conteúdos a serem ensinados na escola e indicam a forma como o professor deve planejar as aulas e abordar esses conteúdos em sala de aula, feito seguindo uma determinada concepção de aprendizagem.

A importância do livro didático está, em primeira instância, no fato de que dada a realidade política e econômica da sociedade brasileira, o livro é, talvez, o único instrumento de acesso à cultura para grande maioria dos estudantes, e até para grande maioria dos professores. Por tal razão, deve conter conteúdos que propiciem aos educandos os conhecimentos necessários para uma boa formação escolar. É evidente que o trabalho do professor, em relação à mediação desses conteúdos, é de suma importância, pois é na sala de aula que os alunos podem questionar acerca dos conteúdos propostos no livro e, assim, esclarecerem suas dúvidas com o professor. Diante disso, são cabíveis algumas indagações acerca da qualidade dos livros didáticos oferecidos nas escolas públicas brasileiras: será que existe um LDLP ideal? O LDLP abarca todos os objetivos propostos para um ensino de língua materna eficiente, que desenvolva no aprendente a competência comunicativa? Suas propostas pedagógicas contemplam atividades essenciais para desenvolver as competências: leitura, oralidade e escrita?

Tendo em vista que o principal objetivo do ensino de língua materna, segundo Travaglia(2002), é desenvolver no educando a competência comunicativa e que, ao concluir cada etapa do ensino fundamental espera-se que o aluno evolua sua capacidade discursiva e saiba interagir nas mais variadas situações interativas cotidianas, sobretudo nos usos públicos de uso da linguagem oral e escrita, os PCN (1998, p. 32) desenvolveu algumas orientações para que esse objetivo seja efetivamente alcançado, propondo um conjunto de atividades que possibilitam, gradativamente, ao educando:

- Utilizar a linguagem para produzir textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender as múltiplas demandas sociais;
- Utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade;
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos;
- Conhecer e valorizar as diferentes variedades do português;
- Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente de comunicação cotidiana;
- Usar o conhecimento adquirido por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem.

Considerando que a escola é o local onde os alunos irão ampliar, de maneira sistemática, seus recursos comunicativos, visando atender às múltiplas demandas sociais concernentes ao uso da linguagem apropriada a cada gênero textual, cada situação de interação discursiva, cada ambiente comunicativo, e que o livro didático é, na maioria das vezes, tido como grande norteador no processo de ensino aprendizagem, é importantíssimo que os conteúdos propostos atendam às necessidades comunicativas exigidas. Nesse sentido, o LDLP deve apresentar a língua como sendo um fenômeno variável, produto de interação comunicativa que só ganha forma através da interação discursiva de seus usuários, ou seja, apresentar conteúdos voltados para a realidade dos alunos.

Segundo os pressupostos teóricos sociolinguísticos e a proposta dos PCN's para o ensino de língua materna, é possível perceber que os materiais utilizados no processo de ensino aprendizagem devem combater com veracidade e eficiência o preconceito linguístico e a ideia de certo e errado, presentes no imaginário da maioria da população brasileira, substituindo por adequado e inadequado à situação comunicativa. Para tal, deve levar em consideração que a variação linguística reflete a identidade do indivíduo. Portanto, não se pode negar sua existência, pois um dos principais atributos da língua é a multiformidade e dinamicidade, determinados por aspectos econômicos e sociais. Assim sendo, as escolhas linguísticas de seus usuários devem ser feitas de acordo com suas necessidades discursivas, dependendo do ambiente e situação vivenciada.

É necessário que os conteúdos propostos nos manuais didáticos de língua portuguesa estruturem-se, segundo os PCN's (1998, p. 34), “em torno de dois eixos básicos: uso da língua oral e escrita, e reflexão sobre o uso da língua e a linguagem”. Assim sendo, é indispensável que, ao se articular um manual didático, o autor leve em consideração tanto os usos da língua oral, quanto da linguagem escrita; é fundamental, pois, que possua bagagem

teórico-metodológica concernentes aos pressupostos norteadores do ensino de língua materna presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os conteúdos referentes ao estudo da língua e linguagem propostos nos livros didáticos devem possibilitar ao educando a aprendizagem e reflexão acerca daquilo que está estudando, uma vez que os usos da língua, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 75), “são práticas sociais e muitas delas são extremamente especializadas, isto é, exigem vocabulário específico e formações sintáticas que estão abonadas nas gramáticas normativas”.

Considerando que a língua é um fator social, cujas normas são regidas por fatores socioculturais, é essencial que seus falantes, além de ter domínio das regras internas da língua, também disponham de competência para utilizá-la com flexibilidade, de forma adequada à situação comunicativa, uma vez que transitam por domínios sociais onde exigem do falante usos especializados e discursos linguísticos monitorados.

A partir do pressuposto de que a criança e o jovem, ao ingressarem na escola, já possuem competência linguística suficiente para comunicar-se com eficiência em sua língua materna, é necessário, portanto, que esses recursos linguísticos sejam ampliados e diversificados ao longo dos anos escolares para, assim, atender as múltiplas demandas sociais, concernentes ao uso da linguagem. Segundo Bagno (2001, p. 13), “todo falante nativo de uma língua tem direito de se expressar em sua língua materna, oralmente ou por escrito”. Desse modo, cabe à escola dispor de recursos necessários para que o direito que o aluno possui de usar a língua com flexibilidade seja atendido e respeitado.

Assim sendo, o LDLP deve servir de apoio para levar o aluno a refletir sobre a língua que fala, conhecer melhor essa língua, a língua que, de acordo com Bagno (2001, p. 13), “constitui parte essencial de sua identidade como sujeito social, a língua que ele usa para conhecer o mundo e para interagir consigo mesmo e com o outro”. Sabendo-se que o conhecimento acerca das variações linguísticas deve ser abordado no contexto de sala de aula, pois se constitui de fundamental importância para um ensino mais democrático, inclusivo e produtivo da língua, e que o livro didático se constitui como grande norteador no processo de ensino aprendizagem, será analisado como o fenômeno da variação linguística se faz presente em dois LDs do 6º ano do ensino fundamental, visando responder ao seguinte questionamento: será que a forma de abordagem é devidamente esclarecedora para uma boa aprendizagem e reflexão acerca do tema?

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O fato de se eleger o livro didático como objeto de análise deu-se em virtude de, como já mencionado no corpo teórico deste trabalho, ele caracterizar-se como uma ferramenta pedagógica de grande influência no processo de ensino-aprendizagem e na prática pedagógica dos professores, chegando, muitas vezes, ao ponto de o que ensinar e como ensinar ser por ele determinado.

Nesse sentido, nossos dois objetos de análise selecionados faz alusão aos livros didáticos *Singular e Plural –2015 (LDSPLP- 2015)*, editora Moderna, e *Tecendo Linguagens- 2015 (LDTLLP-2015)*, editora IBEP. O primeiro é dividido em três unidades: caderno de leitura e produção; caderno de práticas de literatura e caderno de estudos de língua e linguagem. O segundo é dividido em quatro unidades: Ser e Descobrir-se, Ser e Conviver, Aprendendo com a sabedoria popular e Natureza e cultura em cantos e imagens.

Quanto à escolha dos dois LDs em que se propôs analisar o trabalho com as variações linguísticas, deu-se pelo fato de ambos os livros serem aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNL D e terem sido adotados em escolas municipais da cidade de São Bento-Paraíba, no ano de 2016. A opção pelos livros, Singular e Plural e Tecendo Linguagens, de autores diferentes, deu-se com o propósito de se constatar, ou não, a existência de diferenças de visão, dos autores, sobre os conhecimentos de língua e de linguagem e se esses autores se atentam para o desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos, sobretudo os concernentes às variações linguísticas.

No livro Singular e Plural, os estudos sobre variação linguística são apresentados no segundo capítulo da unidade “estudos sobre língua e linguagem”, onde foram encontradas nove atividades referentes ao assunto. No livro Tecendo Linguagens, os conhecimentos acerca das variações linguísticas são apresentados no primeiro capítulo da unidade “Ser e Conviver”, onde foi localizada apenas uma atividade referente ao tema.

5 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS

Considerando que o foco deste trabalho é o de analisar como se verifica a variação linguística em dois livros didáticos de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental, (LDSPLP- 2015)e(LDTLLP-2015). Opta-se por apresentar, no primeiro momento, após a identificação de cada um dos livros, os textos e atividades selecionadas para o estudo e, no segundo momento, a análise e comentários.

5.1 Livro didático Singular e Plural

1º atividade

Texto 1: anúncio de venda. (p.210)

Vendas

Quem quizer comprar humacaza de sobrado com grandes commodos, e boa chacara, toda plantada de capim, horta e arvorêdo de varias qualidades, podendo sustentar annualmente com o capim doze parellhas, sita na rua da Pedreira de N. Senhora da Gloria, falle com Venancio José Liaboa, na rua da Alfandega N° I, ou no catete, na ultima caza de sobrado, antes de chegar á ponte, hindo para o botafogo, lado direito, que tem ordem, e poderes de seu dono para vender.

Trecho de anúncio de vendas retirado do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, edição de 4 de junho de 1821. Disponível em: <[HTTP//WWW.diariodorio.com/o-primeiro-diario-do-rio-de-janeiro/](http://WWW.diariodorio.com/o-primeiro-diario-do-rio-de-janeiro/)>. Acesso em: 31 out. 2014.

Texto 2: anúncio publicitário. (p.211)

— JÉCA, POR QUE NÃO TRABALHAS?

Pergunta Monteiro Lobato, o autor de *Urupês*, a Jéca Tatú.

— Não é preguiça “seu” Lobato. É uma dor na cacunda, palpitação, uma canceira que não acaba nunca!...

— Sim, eu sei, Jéca Tatú amigo. Sofres de AMARELLÃO (ou opilação). Tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da peor especie. É essa bicharia que te faz papudo, feio, molengo e inerte. Só tens um remedio, o verdadeiro especifico do amarellão:

ANKILOSTOMINA FONTOURA

Disponível em: <<http://publicidadedasantigas.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 nov. 2014. (Fragmento adaptado).

Texto 3: poema. (p.211)

Vedes, amig', o que oj' ou
 dizer de vós, assy deus mi pendon,
 que amades já outra emy non,
 mays, se verdad' é, vingar-m' eyassy:
 punharey já de vos non querer ben
 epesar-mh-á em mays que outra ren

Ou dizer, por me fazer pesar,
 amades vós outra, meu traedor,
 e, sseverdad' é par nostro senhor,
 direy-vos como me cuyd' a vingar:
 punharey já de vos non...

E, sse eu esto por verdade sey
 que mi dizen, meu amigo, por deus,
 chorarey muyto destes olhos meus
 edirey-vos como me vingarey:
 punharey já... [...]

SAMPAIO, Albino Forjaz de. História da literatura portuguesa ilustrada. Paris: Aillaud; Liaboa: Bertrand, 1928. P. 120. (fragmento)

1. Observe a escrita dos textos 1 e 2. O que você consegue perceber de diferente em relação à escrita de hoje?
2. O texto 1 circulou entre as pessoas no ano de 1821. O texto 2, no ano de 1935. Para você as diferenças na escrita têm alguma relação com tempo em que esses textos foram escritos ou foram erros de impressão? Explique.
3. Compare a escrita da palavra uma nos textos 1 e 2
 - a) O que há de diferente?
 - b) Considerando as datas de circulação dos dois textos, o que essa diferença pode demonstrar em relação à nossa língua?
4. Agora observe o uso dos verbos nesta construção, no texto 2:
 “soffres de AMARELLÃO (ou opilação). Tens no sangue e nas tripas um jardim zoologico da pior espécie.”
 - Você ouve ou ler, hoje em dia, com frequência, esse tipo de construção (sofres, tens) nos jornais, revistas e programas de TV?
5. Leia novamente o texto 3, escrito no século XIII (quando a língua era chamada de galego-português).

- Você consegue reconhecer algo da nossa língua nesse poema? Explique.
6. Depois de observar e analisar esses textos, o que se pode concluir em relação à língua: com o passar do tempo ela muda ou permanece a mesma? Explique recorrendo ao que você discutiu nas questões anteriores.

2º atividade

Tira do Urbanóide (p. 213)

1. Leia o boxe a seguir.

As tiras , assim como qualquer tipo de história em quadrinhos, representam situações orais de comunicação. Quer dizer que os enunciados que aparecem nos balões são como se fossem falados pelas personagens, apesar de estarem escritos.

2. Agora, leia a tira e responda às questões.



- a) Urbanóide, a personagem de barbicha, é um paulistano. A outra personagem também é paulistana? Explique.
- b) Observe a fala do Urbanoide no último quadrinho. O jeito de falar e o sotaque – que fica marcado na escrita das palavras sinixtro e valheu – são de paulistano? Explique.
- c) Analise as palavras estranho e sinixtro. Qual está representando o sotaque paulistano e qual representa o outro sotaque?
- d) Afinal, o que aconteceu nessa tira?

3º atividade

Tira do Mutum. (p. 213)

Mutum, a personagem da próxima tira, mora na cidade e foi visitar a sua tia, que mora em um sítio muito longe da cidade.



1. Explique o que acontece nas duas cenas.
2. O que você pode dizer do modo como a tia de Mutum fala, considerando como está representada na escrita.
3. Observe o significado da palavra fartura, usada por Mutum.
 - a) Podemos dizer que a graça da tira se apoia no uso desta palavra?
 - b) Como a tia entendeu o que ele disse?
 - c) Levando em consideração o que você observou sobre a fala da tia, o que causou o mal-entendido?
4. A expressão do garoto, no segundo quadrinho, indica uma certa surpresa. Por quê?
5. Se o menino quisesse dar à sua fala o sentido que a tia deu, ele teria feito uso de uma palavra semelhante à que usou. O que ele diria?
6. Observe três palavras retiradas da fala da tia: mar, recramá, fartando. Veja, agora, essas mesmas palavras faladas e escritas de outra maneira: mal, reclamar, faltando.
 - a) As últimas palavras apresentadas poderiam substituir as faladas pela tia e dariam sentido ao texto?
 - b) O que os dois grupos de palavras têm de diferente?
7. Você diria que Mutum e seus tios compartilham a mesma maneira de falar a língua portuguesa? Explique.

4º atividade

Poema de cordel. (p. 215)

Aí! Se sesse...

Se um dia nois dois gostasse
 Se um dia nois se queresse
 Se nois dois se empareasse
 Se juntimnois dois vivesse

Se juntimnois dois morasse
 Se juntimnois dois drumisse
 Se juntimnois dois morasse
 Se pro céunois assubisse
 Mas porém se acontecesse
 de são Pedro não abrisse
 a porta do céu e fosse
 te dizer qualquer tulice
 E se eu me arriminasse
 E tu cum eu insistisse
 pra que eu me arresolvesse
 E a minha faca puxasse
 E o bucho do céu furasse
 Talvez que nois dois ficasse
 Talvez que nois dois caísse
 E o céu furado arriasse
 A as virge toda fugisse

LUZ, Zé da. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/cordel-do-fogo-encantado/78514/>>. Acesso em: 4 de Nov. 2014.

1. Você teve alguma dificuldade para compreender o texto?
2. Sobre o que se fala nele?
3. Identifique no texto as palavras que você consegue perceber que estão escritas de forma diferente daquela que você costuma encontrar em textos de livros, jornais e revistas.
 - a) Como você costuma encontrar essas palavras escritas em jornais e revistas?
 - b) Em uma dessas palavras também há a troca do l pelo r. localize-a.
4. Agora, observe a construção de um dos versos do poema, comparado à forma como costuma aparecer em livros, jornais e revistas:

“se um dia nois nos gostasse”

Se um dia nós nos gostássemos

 - a) O que ficou diferente entre as duas?
 - b) Repare em todos os versos do poema que têm construção semelhante.

“se nois dois se empareasse
 Se juntimnois dois vivesse
 Se juntimnois dois morasse
 Se juntimnois dois drumisse
 Se juntimnois dois morasse
 Se pro céunois assubisse
 [...]

Talvez que nois dois ficasse
 Talvez que nois dois caísse”

I. Apresente a outra forma de construí-los, como foi mostrado no início da questão. Faça outras modificações que forem necessárias.

II. A construção das orações nos versos originais apresenta uma regularidade no uso do pronome nós com o verbo que acompanha. Qual é?

5) leia o último verso do poema “e as virgi toda fugisse”

a) qual é a última palavra que está indicando uma quantidade acima de um?

b) para que toda oração que compõe o verso concordasse com essa quantidade, como teria de ficar o verso?

5ª atividade

Tira do Tapejara (p. 217)

Tapejara, personagem criada pelo cartunista Louzada, é um representante típico dos habitantes dos pampas – os gaúchos – na região do Sul do país.



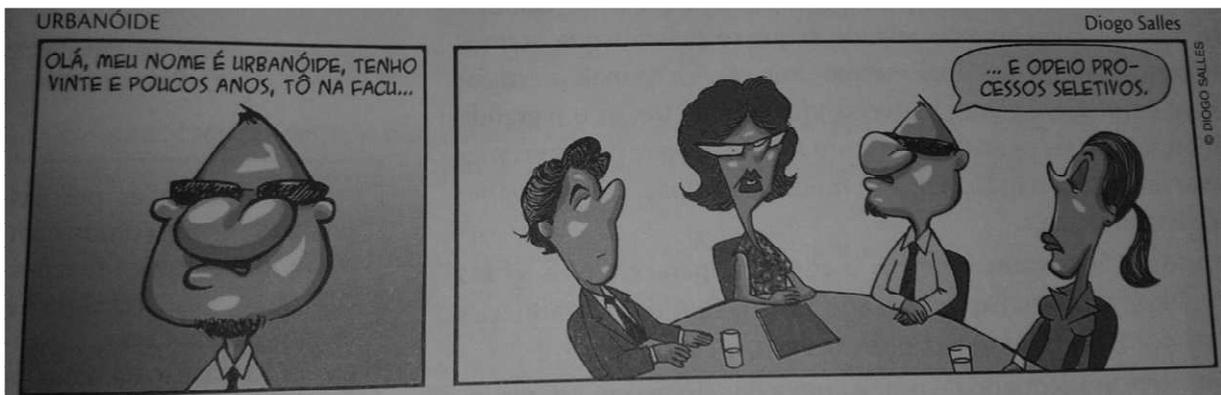
1. Copie no caderno palavras ou expressões típicas das pessoas dessa região. Caso não saiba quais seriam, selecione as que você não conhece.
2. você sabe qual é o significado dessas palavras? Se não souber, a seguir encontrará dois trechos de um dicionário de expressões gaúchas nos quais você conseguirá localizar algumas palavras ou expressões que identificou na questão anterior.
3. Aproveite e dê uma olhada em outras palavras e expressões do dicionário gaúcho.
 - a) Você acredita que essas palavras são conhecidas em todas as regiões do Brasil?
 - b) Se você não faz uso das palavras da tira que você indicou e tivesse que substituí-las por palavras próprias da sua região, quais seriam elas?
 - c) Pense em alguma palavra que você acredita que seja muito própria da sua região e que, provavelmente, seja pouco conhecida em outros lugares do Brasil. Procure-a no dicionário e veja se há indicação de que ela aparece somente na sua região.

4. Além das expressões típicas do gaúcho, que outra característica gaúcha está presente na tira?

6ª atividade

O uso da língua e as situações de comunicação (p. 219)

Leia a tira do Urbanóide e responda às questões.



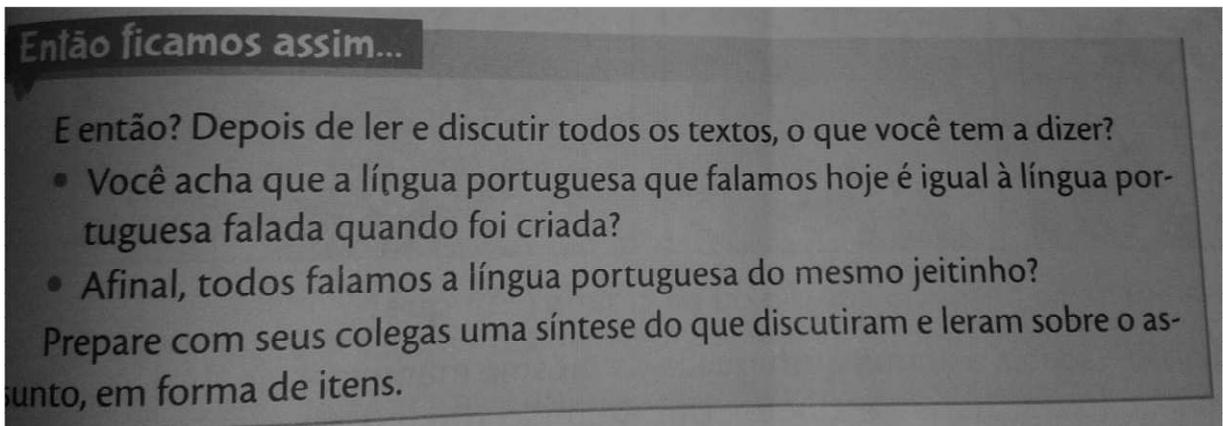
- 5 Repare nas informações da linguagem não verbal (o desenho): como é a aparência das pessoas? Como estão vestidas?
- 6 Considerando a postura das personagens no último quadrinho, a situação em que estão é mais séria, formal, ou mais descontraída, informal?
- 7 Leia os dois trechos de verbetes de dicionário a seguir.

<p>SELETIVO</p> <p>■ adjetivo</p> <p>1 relativo a seleção Ex.: <i>expurgo s.</i></p> <p>2 o que faz seleção Ex.: <i>visão s. [...]</i></p>	<p>PROCESSO</p> <p>■ substantivo masculino</p> <p>1 ação continuada, realização contínua e prolongada de alguma atividade; seguimento, curso, decurso</p> <p>2 sequência contínua de fatos ou operações que apresentam certa unidade ou que se reproduzem com certa regularidade; [...]</p> <p>3 modo de fazer alguma coisa; método, maneira, procedimento</p>
<p>INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. <i>Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa</i> Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. (Fragmento)</p>	

- a) O que significa processo seletivo, no contexto da tirinha?
- b) Considerando toda a tira, em que tipo de situação de comunicação a personagem Urbanóide parece estar?
- c) O que Urbanóide falou e como falou estão adequados a essa situação? Explique
- d) Você acha que isso tem alguma relação com intenção de fazer humor?

- e) Considerando as respostas anteriores, você acha que é importante nos preocuparmos se estamos usando a língua de modo adequado à situação de comunicação em que estamos envolvidos? Em sua resposta, considere a situação da tirinha.
- 8 Agora, pense e escreva em seu caderno como você faria:
- Se quisesse falar com uma pessoa que está muito distante e com quem não fala há muito tempo;
 - Se precisasse avisar aos seus pais (que não estão em casa) que você saiu e não estará em casa quando chegarem;
 - Se seus pais ou responsáveis precisarem avisar o diretor da sua ausência na escola por uma semana;
 - Se um médico precisasse indicar remédios para um paciente.
- 9 Os textos – falados ou escritos – que seriam produzidos em cada situação descrita nos itens da atividade anterior seriam diferentes em relação:
- à linguagem usada (formal ou informal)? Explique.
 - ao modo de organizar o texto. Explique que partes teria cada um dos textos.
 - ao tipo de informação que apresentariam? Explique.

7ª atividade (p. 221)



Então ficamos assim...

E então? Depois de ler e discutir todos os textos, o que você tem a dizer?

- Você acha que a língua portuguesa que falamos hoje é igual à língua portuguesa falada quando foi criada?
- Afinal, todos falamos a língua portuguesa do mesmo jeitinho?

Prepare com seus colegas uma síntese do que discutiram e leram sobre o assunto, em forma de itens.

2. Note que Gatunildo não fala a língua portuguesa da mesma maneira que o outro homem (o de chapéu e colete). Um exemplo disso é a palavra roubar, que aparece de modo diferente na fala de cada um.
- a) Se o autor da tira quisesse indicar que Gatunildo fala português da mesma maneira que o outro homem, como seria a fala dele?
- b) O que a diferença na maneira de falar pode indicar sobre a condição social dessas duas personagens?
- c) As roupas que as duas personagens usam confirma ou contradiz essa diferença? Explique.
3. leia as manchetes e responda às questões a seguir.

I. **Blogueiro** é preso acusado de extorquir políticos em Salvador.

Disponível em: . Acesso em: 5 Nov. 2014.

III. Brasileiro é um dos mais **retuitados** do mundo durante o Oscar.

Disponível em: . Acesso em: 5 nov. 2014.

IV. Gabriela Duarte: ciumenta **chocólotra** e não leva desaforo para casa.

Disponível em: <mdemulher.abril.com.br>. acesso em: 5 nov. 2014.

- a) Qual é o significado de cada uma das palavras destacadas?
- b) Como você imagina que elas surgiram na língua portuguesa?

Trecho 1

Bromidrofobia

Medo de quê: Odores do corpo

Ok, ninguém em sã consciência gosta de ter cecê ou chulé. cuidando da higiene pessoal para não exalar esses odores pelo corpo. Só que é quase impossível não rolar um bodunzinho ou outro de vez em quando, né? Pois é esse é o pavor de quem sofre de bromidrofobia.

Os "zé limpinhos" tomam vários banhos por dia e, de tanta esfregação, chegam a ficar com a pele machucada. O medo de cheirar mal pode ser tão grande que muitos evitam qualquer atividade que gere transpiração.

CARVALHO, Paula. *Mundo Estranho*. São Paulo, ed. 89, p. 14, jul. 2009.

Trecho 2

Bromidrofobia ou Bromidrosifobia: receio exagerado de que o corpo esteja cheirando mal, principalmente quando o desodorante já não faz mais efeito. Também inclui a aversão a pessoas que exalam um cheiro desagradável. O mesmo que Osmofobia ou Osfresiofobia.

TANAKA, Tatiana. *Desmistificando a síndrome do pânico, depressão e principais fobias*. São Paulo: Universo dos Livros, 2006. p. 32.

a) Explique, com suas palavras, a fobia descrita nos dois trechos.

b) Observe, ao lado, as publicações em que esses textos foram veiculados. A primeira é uma revista, a *Mundo Estranho*, e a segunda, um livro.

- Qual é o tipo de leitor de cada uma dessas publicações? Por que você acha isso?
- Em qual dos trechos há gírias e expressões informais?
- A linguagem informal é adequada a esse texto? Por quê?
- Se esse tipo de linguagem tivesse sido usado no outro texto, qual seria a reação do leitor? Esse uso seria adequado?



5.1 Análise

O livro didático “Singular e Plural” (2015) traz um capítulo específico dedicado à discussão da variação linguística, o que merece muita comemoração, uma vez que representa uma virada drástica com relação à prática de ensino de língua adotada na cultura ocidental ao longo de séculos, que sempre se pautou nas normas dos compêndios gramaticais para distinguir toda e qualquer expressão, falada ou escrita, como certas e erradas.

Constatou-se, por meio das atividades apresentadas pelo LD, que as autoras reconhecem a escola como um lugar inevitável de encontro entre o saber culto-científico e o senso comum, e que isso deve funcionar em favor do aprendiz e da sua formação cidadã. Desse modo, pode-se perceber que as autoras compreendem a linguagem como forma de interação, pois levam o aluno a perceber seu funcionamento através de situações reais de uso cotidianas.

As atividades reflexivas sobre variação linguística, propostas no livro didático “Singular e Plural” (2015), envolvem utilizações da língua em algumas situações sócio-comunicativas. As autoras apresentam, de maneira reflexiva, alguns conteúdos essenciais para uma boa compreensão sobre a variabilidade que compõe o repertório linguístico dos brasileiros, tais como: a variação histórica que tem, no livro, o objetivo de mostrar a língua como algo vivo que sofreu e sofre mudanças ao longo da história; as variações regionais que têm por finalidade proporcionar ao aluno o conhecimento e reflexão sobre as diferenças linguísticas, em termos de vocabulário e sotaque, existentes entre uma região e outras do país; as diferenças entre linguagem formal e informal que visa mostrar como se deve usar a língua de acordo com a situação e contexto comunicativo, dependendo de com quem, onde e com qual objetivo se está interagindo; as distinções existentes na linguagem entre o falar rural e o falar urbano que tem por intuito demonstrar como a pronúncia de algumas palavras podem variar dependendo da localização em que são usadas, se por pessoas que moram no campo ou por indivíduos que habitam a cidade.

Vale ressaltar que, no livro, durante o estudo das variações linguísticas, os termos língua padrão ou norma culta são substituídos por variedades urbanas de prestígio, uma vez que estudos recentes na área da linguagem vêm mostrando que mesmo se tratando do uso da variedade de prestígio há distinções entre o falar “culto” das diferentes regiões do país. Por esse motivo o uso do termo no plural: variedades urbanas de prestígio.

Nos textos que servem de base para responder às questões reflexivas propostas pelo LD em análises observadas a presença quase que predominante da linguagem oral, apresentada, na maioria das vezes, através do gênero textual tirinha (2º, 3º, 5º, 6º e 9º

atividades) em que, nas situações comunicativas apresentadas, são aplicadas regras de falares não monitorados do português brasileiro. O objetivo da maioria das atividades sobre variação linguística propostas pelo LD é substituir o conceito do “falar errado” e outros termos pejorativos utilizados para designar os usos dos dialetos não padrão, por diferenças entre variedades da língua. Segundo Bagno (2013, p. 47), é importante compreender que “todos os modos de falar apresentam uma organização gramatical complexa, perfeitamente demonstrável e exprimível na forma de regras, ou seja, todos os modos de falar são lógicos, têm sua gramática própria”. Desse modo, em vez de propor aos alunos exercícios de passar para norma culta, as autoras propõem situações de confronto entre as formas do padrão e as formas do não padrão para que, assim, os educandos percebam diferenças entre uma e outra forma de falar e compreendam em quais situações de interação comunicativa ambas as expressões são pertinentes. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 42) “É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele passe a monitorar seu próprio estilo”, uma vez que, segundo sentencia Bagno (2013, p. 176)

A língua não é simplesmente um “meio de comunicação” ela é um poderoso instrumento de controle social, de manutenção ou ruptura dos veículos sociais, de preservação ou destroçamento das identidades individuais, de promoção ou de humilhação, de inclusão ou de exclusão.

Nesse entendimento, compreende-se estar o LD em análise totalmente em acordo com os estudos linguísticos e neles fundamentados, principalmente, com os preceitos sociolinguísticos, assim como está em sintonia com os pressupostos teóricos dos PCNs, no tocante à conscientização e valorização das diferentes variedades do português, objetivando combater o preconceito linguístico.

5.2 Livro didático “Tecendo Linguagens”

Atividade (p. 74 a 76)

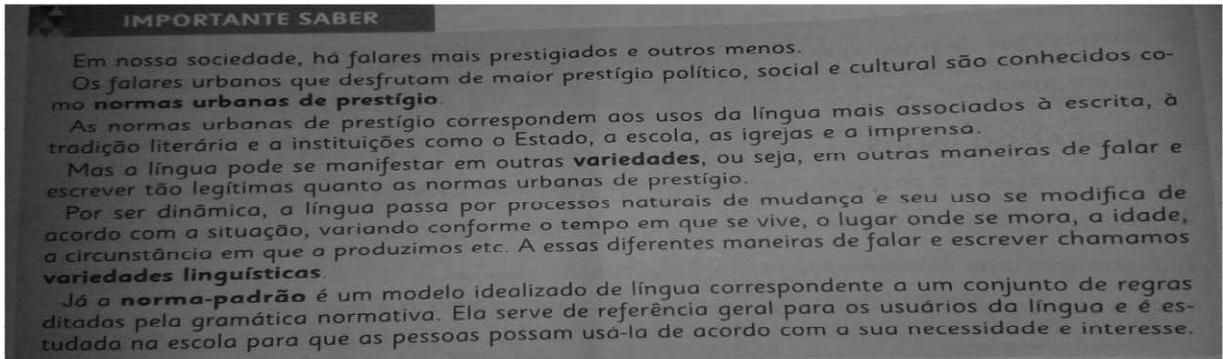
Reflexão sobre o uso da língua

Variedade linguística

1. Observe a maneira como um personagem do texto expôs sua opinião e responda às próximas questões.

A senhora vem de calça comprida, e **a gente aparecemos** de qualquer jeito.

- A construção destacada no trecho está de acordo com as regras gramaticais? Por quê?
- Construções como essa em destaque podem aparecer na fala das pessoas quando elas se comunicam? Por que você acha que isso acontece?



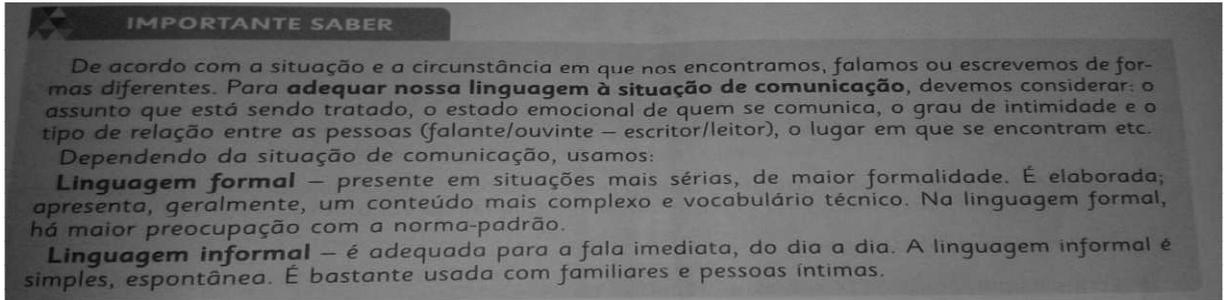
Níveis de linguagem formal e informal

- Vamos continuar a reflexão: assim como ocorre com a maneira de se vestir, você acha que é possível perceber quando o jeito de falar de alguém é formal ou informal? Como?
- No texto “Na escola”, encontramos palavras e expressões que costumam ser usadas em situações informais de comunicação. Veja:

[...] Uniforme é **papo-furado**. [...]
 - Porque minissaia é muito mais **bacana**. [...]
 - Ah, **cada um na sua**.

- Agora, reflita e responda:

- Você acha que as expressões em destaque foram empregadas adequadamente pelas personagens na situação de comunicação por quê?
- Se você estivesse apresentando um trabalho sobre o uso do uniforme em um seminário organizado por várias escolas, seria adequado dizer “uniforme é papo-furado”? por quê?
- Em que situação de comunicação não é adequado usar a expressão “papo-furado”? Em seu caderno, anote e justifique as suas respostas.
 - Audiência com um juiz.
 - Bate-papo com os amigos.
 - Entrevista em programa de TV destinado ao público jovem.
 - Entrevista de emprego.
- E se você tivesse que reescrever as frases do quadro em uma linguagem mais formal, como ficaria.



4. Leia um trecho da letra da canção “Mina do condomínio”:

Mina do condomínio

Tô namorando aquela Mina

Mas não sei se ela me namora

Mina maneira do condomínio

Lá do bairro onde eu moro

[...]

MOURA, Gabriel; SEU JORGE. Mina do condomínio. *Vagalume*. Disponível em: . Acesso em: 7 jan. 2015

- Na canção “Mina do condomínio”, há um “eu” que diz que namora uma “mina”. O que ele quis dizer?
 - Você conhece alguém que fala de um jeito parecido com o do eu poético? Comente com a turma.
 - A linguagem empregada na canção é formal ou informal?
5. Na canção “Mina do condomínio”, você achou adequada a maneira como o compositor usou a língua? Por quê?
6. Leia esta charge e em seguida responda às questões propostas.



- Tanto o texto não verbal (a imagem) quanto o texto verbal (a fala da personagem) causam estranhamento por não estarem, de alguma forma, adequados ao contexto.
- Onde estão as personagens?
 - O que as personagens provavelmente farão?

- c) Qual das duas personagens está vestida de forma inadequada para o local? Por quê?
- d) Por que a fala do homem de terno e gravata causou estranhamento no surfista?
- e) Você considera adequada a maneira como o homem de terno e gravata usou a língua? Por quê?

5.2 Análise

No livro didático “tecendo Linguagens” (2015), constatou-se, por meio da única atividade sobre variação linguística, que o estudo voltado propriamente à sociolinguística se apresenta de forma vaga, ou seja, sem uma explicação mais detalhada por parte do professor; o conteúdo não é suficiente para que haja uma boa reflexão e entendimento sobre o assunto, pois, embora os autores apresentem conhecimentos linguísticos importantes na formação do aprendiz, no que se refere às situações e contextos de usos da linguagem formal e informal, limitam-se basicamente a isso, como se as variações linguísticas fossem restritas somente ao conceito de informalidade e formalidade. A alusão aos demais tipos de variações, como histórica e regionais, aparecem de forma minimizada em apenas um conceito sobre o que é variação linguística. Não há, portanto, nenhum texto ou exemplificação mais detalhada sobre como se manifestam nos diferentes falares do país, fato que compromete o entendimento da língua enquanto sistema e da variação linguística como fenômeno social.

No que se refere aos conhecimentos linguísticos, o próprio guia do livro didático PNLD 2017, (guia digital), na parte em que apresenta uma visão geral do livro didático em questão, diz que

as explicações e atividades podem ser enriquecidas pela intervenção docente no sentido de ampliar as reflexões sobre a diversidade de registros e variedades do português brasileiro. No ensino da norma culta, o professor poderá trazer, sempre que pertinente, textos orais e escritos que exemplifiquem diferentes usos da língua portuguesa no Brasil.

Como se pode verificar, os próprios autores reconhecem que as informações referentes ao estudo das variações linguísticas presentes no LD em análise, para que haja uma melhor compreensão, por parte do aluno, necessitam ser enriquecidas com uma explicação mais detalhada por parte do professor, ou seja, fica a cargo do professor fazer as devidas adequações e suprir as lacunas que prejudicam o bom entendimento e reflexão acerca do tema em abordagem, para que o aprendiz compreenda melhor a língua como um conjunto de variedades e aprenda a respeitar os diferentes falares brasileiros.

Desse modo, mediante ao estudo aplicado ao livro didático “Tecendo Linguagens” 6º ano, constatou-se que, apesar de abordar o assunto em pauta, o mesmo trabalha apenas com o conceito de formalidade e informalidade e apresenta, somente, um breve comentário sobre as demais variedades linguísticas, não apresentando exemplificações mais detalhadas, em forma de textos e questões reflexivas, sobre outras formas de manifestação do falar brasileiro, deixando, assim, a serviço do professor a escolha de complementos textuais que contemplem outras modalidades variacionistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de o professor apoiar-se demasiadamente ao livro didático, muitas vezes, acaba por superficializar conteúdos de suma importância na formação discente, pois raramente um material didático é completo em todos os aspectos conteudistas, podendo abordar extraordinariamente bem determinados conteúdos e outros, não serem tão bem trabalhados. Desse modo, ao fazer uso de determinado material didático, o profissional docente deve possuir senso crítico e conhecimentos teóricos e metodológicos para discernir se os conteúdos, nele trabalhados, proporcionam aos alunos uma boa compreensão sobre o assunto abordado ou requer complementos que acrescentem informações importantes omitidas no LD. É necessário, pois, compreender o livro didático não como único instrumento norteador do processo de ensino-aprendizagem e prática docente, mas como um deles, e dessa maneira, ser capaz de preencher as lacunas nele existentes, encontradas em um dos livros que se prestaram como objetos de análise para esta pesquisa.

Assim, comprovou-se, por meio das análises, que a variação linguística recebe nos livros didáticos “Singular e Plural” e “Tecendo Linguagens” abordagens diferenciadas uma da outra, pois, embora ambos os livros trabalhem a variação linguística de forma a contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa do educando, o primeiro trabalha o assunto de maneira mais completa que o segundo. O livro didático “Tecendo Linguagens” apesar de apresentar conceitos do que se trata variação linguística e como ela se manifesta, não apresenta textos e exemplificações mais detalhadas para que o aluno observe, compreenda e reflita como de fato as variações se caracterizam nas diferentes formas de falar o português brasileiro, limitando-se a exemplificar apenas a modalidade formal e informal da língua e quais os contextos enunciativos requerem, ou não, do falante um maior monitoramento na seleção do vocabulário, cabendo, portanto, ao professor ir além do que é sugerido no LD, e fazer as devidas intervenções para que ocorra uma melhor compreensão acerca do assunto. Já o livro didático “Singular e Plural” traz um estudo mais completo sobre as variações linguísticas, uma vez que não se limita a apresentar apenas conceitos, mas também, um maior número de textos e questões reflexivas sobre o assunto.

7 REFERENCIAS

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. **Sete erros aos quatro ventos:** a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/**Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:língua portuguesa/**Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, Estella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2005.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português.** Disponível

em:http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2002/1/2007_PaulaMariaCobucciRCoelho.pdf; Acesso em: 21/02/2017.

FARACO, Carlos Alberto e TEREZA, Cristovão. **Prática de textos para estudantes universitários.** Petrópolis: Vozes, 2005.

FIGUEIREDO, Laura de, BALTHASAR, Marisa, GOULART, Shirley. **Singular e plural:** leitura, produção e estudos de linguagem. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015.

FNDE. PNLD 2017. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017>; Acesso em: 12/03/2017.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** 2 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Tânia Amaral, SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira, SILVA, Cícero de Oliveira, ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens:** língua portuguesa 6º ano. 4 ed. São Paulo: IBEP, 2015.

SOARES, Magda. **Linguagens e escola:** uma perspectiva social. 17 ed. São Paulo: Ática, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.